

Protesto: Provocações Teóricas a partir dos Feminismos

Sonia E. Alvarez

University of Massachusetts Amherst, Estados Unidos de America

Email: soniaa@umass.edu

Recibido: 27.09.2021 | **Aceptado:** 03.01.2022

Resumen: Este ensaio utiliza os protestos feministas e o engajamento feminista nas manifestações e levantes populares como uma lente analítica para fazer cinco observações sobre o protesto em tempos turbulentos. Essas observações são produto de trabalho de campo junto aos feminismos e outros movimentos sociais no Brasil ao longo mais de duas décadas, uma pesquisa colaborativa junto à *Colectiva Protesta*, que inclui pesquisadoras de várias partes das Américas, e a uma extensa pesquisa de fontes secundárias e primárias, as últimas produto de acompanhamento virtual do campo feminista nas Américas. Proponho que uma ótica feminista nos permite perceber que os protestos feministas ajudam a lançar a mais recente onda de protesto. Logo discute-se o engajamento de ativistas feministas e antirracistas nos protestos. A abrangência das lutas sociais articuladas no interior dos feminismos, sugiro, explica a sua presença nos levantes populares atuais e a influência significativa dos feminismos nesses processos. Sustento que, hoje, um novo imaginário global impulsiona os protestos e exploro o “agora estendido”, a presença viva continuada que os protestos ganham online muito além do evento de protesto em si. Concluo com uma discussão da produtividade político-cultural do protesto, enfatizando que nos urge explorar teoricamente como eles são permeados pelas práticas e discursos feministas.

Palavras-chaves: Protesto; feminismos; contaminação mútua entre movimentos; imaginário global; produtividade cultural do protesto.

Protesta: Provocaciones teóricas desde los feminismos

Resumen: Este ensayo utiliza las protestas feministas y el compromiso feminista en manifestaciones y levantamientos populares como una lente para hacer cinco observaciones sobre la protesta en tiempos turbulentos. Estas observaciones son producto de trabajo de campo con feminismos y otros movimientos sociales en Brasil durante más de dos décadas, una investigación colaborativa con la *Colectiva Protesta*, que incluye investigadoras de varias partes de las Américas, y una extensa investigación de fuentes secundarias y primarias, las últimas producto de acompañamiento virtual del campo feminista en las Américas. Propongo que una perspectiva feminista nos permite ver que las protestas feministas ayudan a lanzar la última ola de protestas. Luego se discute la participación de activistas feministas y antirracistas en las protestas. El alcance de las luchas sociales articuladas dentro de los feminismos, sugiero, explica su presencia en los levantamientos populares recientes y la influencia significativa de los feminismos en estos procesos. Sostengo que, hoy, un nuevo imaginario global impulsa las protestas y exploro el “ahora extendido”, la presencia viva continua que ganan las protestas mucho más allá del evento de protesta en sí. Concluyo con una discusión sobre la productividad político-cultural de la protesta, enfatizando que es urgente explorar teóricamente cómo están permeadas por prácticas y discursos feministas.

Palabras-clave: Protesta; feminismos; contaminación mutua entre movimientos; imaginario global; productividad cultural de la protesta.

Protest through a Feminist Lens: Theoretical Provocations

Abstract: This essay uses feminist protests and feminist engagement in popular demonstrations and uprisings as a lens to make five observations about protest in turbulent times. These observations are the product of fieldwork with feminisms and other social movements in Brazil over more than two decades, collaborative research with the Colectiva Protesta, which includes researchers from various parts of the Americas, and an extensive review of secondary and primary sources, the latter the product of virtual accompaniment of the feminist field in the Americas. I propose that a feminist perspective allows us to see that feminist protests helped to launch the latest wave of protest. The engagement of feminist and anti-racist activists in the protests is then discussed. The scope of social struggles articulated within feminisms, I suggest, explains their presence in recent popular uprisings and the significant influence of feminisms in these processes. I maintain that, today, a new global imaginary drives protests and I explore the “extended now” of protest, the continued living presence that protests gain online far beyond the protest event itself. I conclude with a discussion of the political-cultural productivity of protest, emphasizing that it is urgent for us to explore theoretically how they are permeated by feminist practices and discourses.

Keywords: Protest; feminisms; mutual contamination between movements; global imaginary; cultural productivity of protest.

Como citar este artículo:

Alvarez, S.E.(2022). Protesto: Provocações Teóricas a partir dos Feminismos . Polis Revista Latinoamericana, 21 (61), 98-117. doi: <http://dx.doi.org/10.32735/S0718-6568/2022-N61-1717>

Introdução

O protesto é, sem dúvida, a linguagem predominante da participação popular nas primeiras duas décadas do século 21. E essas décadas também presenciaram uma efervescência inédita de protestos feministas e antirracistas. Este ensaio procura articular esses dois fenômenos teoricamente, propondo uma leitura do protesto nas Américas, incluindo América do Norte, através de uma ótica feminista comparada. Com base em trabalho de campo intermitente e extensivo no Brasil ao longo dessas duas décadas (e mais...), uma pesquisa colaborativa junto à Colectiva Protesta, que inclui pesquisadoras de várias partes das Américas, e a uma extensa pesquisa de fontes secundárias e primárias, as últimas produto acompanhamento virtual do campo feminista na região, faço um recorrido por alguns protestos feministas e analiso a presença dos feminismos em vários protestos recentes para oferecer cinco observações sobre o protesto contemporâneo em geral. Quer dizer, desenvolvo uma leitura do protesto a partir de experiências e epistemologias feministas.

Após uma brevíssima descrição dos protestos de tempos recentes, começo por enfatizar que as manifestações feministas e antirracistas tem um lugar de destaque nessa mais recente onda de protesto e até a antecede temporalmente—um fato frequentemente

subestimado quando não totalmente ignorado por muitos analistas. A abrangência das lutas sociais articuladas no interior dos feminismos, também sugiro, explica a sua presença nos levantes populares recentes e a influência significativa dos feminismos nesses processos de mobilização. Segundo, sugiro que os feminismos hoje abrangem em si, trazem dentro de si mesmos, a quase totalidade das lutas por justiça social, racial, sexual, para todos os gêneros, todas as classes e povos subalternizados, e que isso explica sua forte presença e influência significativa nos “*estallidos*,” paralisações/greves, levantes, e todo o tipo de protesto atual. Um olhar feminista destaca que as relações desiguais de poder, e o racismo, sexismo e a trans-lesbohomofobia persistem mesmo nas configurações de protesto fluidas e mediatizadas de hoje. Mapeando a circulação de símbolos e significados, Sustento, em terceiro lugar, que hoje mais do que conexões organizacionais em rede, um imaginário global impulsiona os protestos massivos que presenciamos nas Américas. Em quarto lugar, analiso como as “performances” de protesto tem um “agora estendido” na sua circulação na internet e nas redes sociais, constituindo constelações performáticas que imbricam o online e o off-line (Fuentes, 2019). E, por último, ressalto as qualidades generativas do protesto, a sua produtividade cultural e política. Essa produtividade ao igual que as outras dimensões acima assinaladas costumam ser subestimadas ou negligenciadas na teoria “*mainstream*” dos movimentos sociais. Concluo, portanto, que o protesto, em se e não como uma tática ou “repertório” dos movimentos sociais (McAdam, Tilly e Tarrow, 2001), merece muito mais atenção teórica do que lhe tem sido conferida até o momento e que nos urge explorar teoricamente como eles são permeados pelas práticas e discursos feministas.

Protesto: O novo normal na participação política

Antes de nada, é importante descrever brevemente os protestos massivos que abalaram as primeiras duas décadas do século 21, aparecendo na cena política como forças centrais, constitutivas dos “tempos turbulentos” que inspiram esse número especial da Revista Polis. Entre 2019 e 2021 presenciamos intensa e extensa atividade de protesto no mundo inteiro, culminando uma década de protestos em massa quase sem precedentes. Tão explosiva foi aquela década de conflagrações populares que um *think-tank* em Washington batizou os 2010 de “Era do Protesto Massivo.” Em um *Policy Brief* publicado no começo de 2020, os autores relatam que: “De Beirute a Barcelona, de Hong Kong a Harare, mais de 37 países experimentaram grandes movimentações antigovernamentais apenas nos últimos meses de 2019. E ao longo de 2019, protestos ocorreram em 114 países - 31% a mais do que apenas uma década atrás.” Na América do Sul, segundo o mesmo documento, “os protestos aumentaram 467% em 2019 em comparação com os níveis de 2009” (Brannen, Haig e Schmidt et al. 2020, 11).

O tamanho dos protestos em 2019 também foi notável. Em 16 de junho de 2019, quase 2 milhões dos pouco mais de 7 milhões de cidadãos de Hong Kong saíram às ruas—quase um quarto da população da cidade. E em 25 de outubro de 2019, as multidões chegaram

a 1,2 milhão em Santiago de Chile—também quase um quarto dos 5 e pouco milhões de habitantes da cidade. Apesar da pandemia e o “lockdown” do protesto em muitos lugares (Amarillo, 2020), a denominada Era do Protesto Massivo está longe de ter-se aplacado até os dias de hoje. Houve um novo e intenso surto, por assim dizer, nos EEUU e em 74 outros países contra a violência do Estado que sustenta o racismo estrutural, na chamada Primavera Negra de 2020, por exemplo. Nos EEUU, quatro diferentes sondagens nacionais apontaram que entre 15 e 26 milhões de pessoa participaram de algum protesto contra a morte de George Floyd e outros Afro-americanos brutalmente assassinados pela polícia (Buchanan, Bul, e Patel, 2020). E em 2020 e 2021, em Hong Kong, Belarus, Polônia, Chile, na Colômbia, Peru, Guatemala, em quase todas as Américas, o protesto pareceria ser uma das poucas coisas do “antigo novo normal” que perdura a despeito da pandemia.

Feminismos na “Linha de Frente”

Os feminismos têm se destacado em meio a esse novo normal de protesto e antecederam ou talvez até o ajudaram a deslanchar a mais recente onda em alguns países. No Brasil temos vários exemplos já tradicionais de manifestações feministas que pré-datam o atual momento de mobilização na região. Em 2000, trabalhando em colaboração estreita com diversas organizações feministas e comissões sindicais da mulher, a Marcha das Margaridas levou para Brasília 20.000 mulheres do campo e da floresta de todo o país, demandando a “democratização do acesso à terra e à água, à defesa da biodiversidade e da agroecologia, ao apoio à produção e comercialização, ao enfrentamento à violência e a melhores salários e condições de trabalho, saúde, educação” (Ferreira, 2015, loc. 76). A Marcha teve novas edições em 2003, 2007, 2011, 2015 e 2019, mobilizando cada vez mais participantes (mais de 100.000 na última) e ficando cada vez “mais feminista”, com bandeiras demandando o fim de criminalização das mulheres pelo aborto ao lado das que pediam o fortalecimento da agricultura familiar,

A Marcha Mundial das Mulheres (MMM), com origem em Quebec, encontrou solo fértil no Brasil desde sua fundação em 2000 e tornou-se, desde o início, um poderoso ator político-cultural no campo feminista e da esquerda no Brasil. Sediada na ONG paulista Sempre Viva Organização Feminista (SOF), que possui extensos laços com grupos de mulheres e sindicatos urbanos e rurais, sendo inclusive uma das colaboradoras mais próximas das Margaridas, a MMM fez da rua um dos seus principais palcos de atuação. Encenou inúmeras manifestações, grandes e pequenas, em São Paulo ao igual que muitas cidades de pequeno porte, sempre com práticas lúdicas e transgressoras e sempre entoadas pela sua batucada ou “fuzarca”, invariavelmente barulhenta e irreverente, presente nas manifestações da MMM e de outras mobilizações populares ou de esquerda.

Em ainda outro exemplo, desde a sua primeira edição em 2011, a Marcha das Vadias—versão local do fenômeno global da “Slut Walk”, denominada “Marcha de las Putas” em outros países latino-americanos—mobilizou milhares de mulheres jovens, feministas trans e

homens gay e hétero em dezenas de cidades brasileiras. Corporificando de forma literal seus feminismos ao pintar slogans não-conformativos de gênero, queer, antirracistas, pró justiça social e defendendo a inclusão trans, a provocação rebelde das Vadias contra as normas culturais de gênero e sexuais escancara uma política cultural radical (Alvarez e Costa, 2019).

O 2015 foi um ano particularmente frutífero para o protesto feminista, considerado por algumas como o ano que inaugurou uma “nova onda” feminista (Buarque de Holanda, 2018). No Brasil milhares de mulheres no Brasil afora se manifestaram nas ruas contra um projeto de lei que dificultava o aborto legal em caso de estupro, pedindo a saída do seu autor e presidente da Câmara de Deputados, Eduardo Cunha, e demandando a legalização do aborto. Na Argentina, #NiUnaMenos aparece com protestos igualmente multitudinários contra a violência e feminicídio (Freidman e Tabuz, 2016).

Desde então, todas as Américas tem experimentado protestos feministas como nunca vistos (Larrondo et al., 2019; Gago, 2020), mesmo no “lockdown” onde o protesto se voltou mais para as redes e para ações desafiadoras voltadas ‘mais para dentro’—como as práticas de acompanhamento as pessoas que precisam abortar (Amarillo, 2020). No México e a América Central, o acréscimo alarmante do feminicídio—o assassinato de mulheres pelo fato de serem mulheres—também provocou inúmeros atos de protesto ao longo das últimas duas décadas (Orozco Mendoza, 2017, 2019; Cerna, 2019).

No Chile, durante o chamado ‘Mayo Feminista’ de 2018, assistimos *tomas* ou ocupações de dezenas de universidades e escolas secundárias e presenciamos manifestações de centenas de milhares de pessoas em todo o país. Foram protestos de tamanho apenas rivalizado pelos que os sucederam durante o chamado *estallido* social que pressagiaram. Esses processos de mobilização sacudiram a sociedade chilena de tal maneira que foram denominados de “tsunami feminista” (Gonzalez e Vidal, 2019; Hiner e López Dietz, 2021; Varela, 2020).

Também em 2018 e 2019, a Argentina teve manifestações maciças durante os debates legislativos sobre o aborto. Foram meses de mobilizações em massa quando mais de um milhão de pessoas ocuparam as ruas para cada votação crucial no Congresso. Foi notável a magnitude e desenvoltura criativa desses protestos, que chegaram a ser conhecidos como “*la marea verde*” (a maré verde), pelos lenços verdes que enfeitavam os corpos das participantes. Os lenços verdes se tornaram um símbolo que viralizou e virou insígnia transnacional pelo direito à interrupção da gravidez em toda a região latino-americana e o mundo (Gutiérrez, 2021; Sutton, 2020; Vacarezza, 2021).

No Norte das Américas, os feminismos também voltaram às ruas em massa encenando um dos maiores protestos na história dos Estados Unidos em janeiro de 2017: entre 3.267.134 e 5.246.670 pessoas participaram em marchas em todo o país protestando a chegada da extrema-direita à Presidência (Berry e Chenoweth, 2018; Reger, 2018). Desde 2016, em todas

as Américas, as feministas declaram o 8 de março, Dia Internacional da Mulher, um dia de Greve Feminista, uma greve que iria parar tanto o trabalho produtivo como reprodutivo que realizam as mulheres (Gago, 2020).

Os protestos feministas e antirracistas estiveram e estão, então, na linha de frente desta Era de Protesto Massivo, desafiando a periodização dessa “Era” e mostrando um certo “macho-centrismo” nos enfoques predominantes. Esses às vezes parecem só enxergar protesto onde têm homem jovem jogando pedras e começando incêndios.

Por quê os protestos feministas massivos agora? Por quê após um par décadas de aparente “ONGização” de grandes setores dos feminismos (Alvarez, 1999, 2009)? Se alguns apontam para as múltiplas crises, inter-relacionadas: crise econômica, climática, política, e até civilizatória, para entendermos a efervescência global do protesto em tempos recentes, podemos sugerir que a conjunção dessas crises também mostrou os limites das políticas promovidas pelo multiculturalismo neoliberal e a “perspectiva de gênero” dos anos 1990 e 2000. Como afirmam Schild e Follegati,

“Após duas décadas de promessas de igualdade de gênero, nova geração [que] não vê mais as desigualdades como algo que pode ser remediado com o tempo... [há um] desencanto generalizado com as promessas de democracia e igualdade...” (Schild e Follegati 2018, 412).

Essas políticas deixaram quase intactas as dimensões cotidianas, corporificadas, sexuadas, e estruturais do heteropatriarcado racial neoliberal, justamente as dimensões que figuram entre as reivindicações centrais dos feminismos em protesto. Daniela Cerna argumenta, por exemplo, que a energia e os focos dos feminismos contemporâneos no México, “proviene de una doble indignación.” Por um lado, “la rabia ante la epidemia de violencia contra la mujer se intensifica por una mayor violencia institucional, en forma de discursos públicos hostiles, revitimizantes y antifeministas” (Cerna, 2020, p. 177).

De fato, não temos visto trégua para as violências racistas e as violências de gênero perpetradas nos corpos racializados e “engendrados”, violências essas intersectadas com particular brutalidade nos corpos das mulheres e pessoas trans e racializadas e muitas vezes perpetradas pelo próprio Estado ou incentivadas pela sua negligência ou conivência—violências essas exacerbadas pela pandemia. Sabemos que a violência sexual, racial, econômica não é um tema, mas sim uma estrutura política que configura a vida das mulheres, dos corpos feminizados, e das pessoas racializadas. A América Latina ainda é considerada a região mais perigosa para as mulheres, abrigando 14 dos 25 países com as taxas mais altas de feminicídio do mundo (Sabatini e Galindo, 2017). O Brasil é o quinto país em morte violentas de mulheres no mundo, onde mais de 69% das mulheres vítimas de feminicídio são negras, tendo duas vezes mais chances de serem assassinadas que as brancas e as negras são 66% das vítimas de violência obstétrica (Agência Patricia Galvão, n.d.). Essas taxas nos

ajudam a entender, então, o porquê feminismo e o antirracismo hoje são, como sugere a teórica feminista Silvia Federici, “a ponta do diamante de uma insurgência internacional” (Federici, 2020).

Como afirma a intelectual-ativista Argentina Cecilia Palmeiro (2018): “O feminismo, em toda a sua multiplicidade, é o movimento social mais importante de América Latina hoje.” Essa avaliação foi reafirmada na declaração do Foro de Organizaciones Feministas Fabiola Campillai, no marco da XIV Conferencia Regional sobre la Mujer de América Latina y el Caribe, realizada del 27 ao 31 de janeiro de 2020 em Santiago do Chile: “Estamos acostumbradas a repetir que América Latina y el Caribe es la región más desigual del mundo,” proclamaram, “y ahora vamos a acostumbrarnos a decir que somos también la región con el feminismo más potente y movilizador del planeta” (Foro de Organizaciones Feministas Fabiola Campillai, 2020).

Feminismos nos Protestos

Se as manifestações feministas têm um lugar de destaque na mais recente onda de protesto e a antecederem, os feminismos das Américas também estão articulados *no interior* de muitos processos de protesto popular e antirracistas atuais. Pautas, discursos, e práticas feministas hoje se fazem presentes em e influenciam os mais diversos protestos pela justiça social e contra a exploração e discriminação racial.

Os feminismos nas Américas estiveram sempre e continuam hoje na linha de frente de muitos dos *estallidos* e levantes populares que chacoalham as próprias bases do neoliberalismo tardio avassalador, do extrativismo depredador, da destruição ambiental, do extermínio e deslocamento de populações racializadas e das violências genocidas, racistas, sexuais, e de gênero: “está[n] en el corazón de diversos tipos de revueltas políticas, sociales y culturales que atraviesan el mundo actual” (Varela, 2020, 93; Márquez-Montaño, 2021). O engajamento feminista nos protestos têm sido intenso e produtivo de múltiplos saberes e afetos:

Cuerpo a cuerpo salimos a las plazas, calles, universidades. Tomadas de la mano paramos el camión y a los militares que intentan penetrar nuestras comunicades a extrair bienes de nuestros territorios. Somos la primera linea em el parao, armamos el campamento, coordinamos el cacerolazo, convocamos asambleas para pensar el golpe racista, organizamos encuentros entre mujeres para contarnos nuestras violencias. Irradiamos rabia, fúria, dolor, alegría, valentia. Prendemos fuego, gritamos los nombres de las ausentes, nos buscamos ansiosas entre tantas diferencias (Alvarado et al., 2020).

Os feminismos pluriversais vêm se mobilizando dentro e junto aos *estallidos*, *paros*, *levantes* populares em contraposição ao crescimento alarmante das direitas anti-direitos e no processo estão renovando as práticas ativistas em geral nas Américas e no mundo (Gago 2020; Souza 2019). Falo em feminismos pluriversais justamente porque hoje os feminismos se articulam

a partir de visões anti-patriarcais oriundas de diferentes mundos, mundos diferencialmente moldados e vivenciados pela raça, sexualidade, identidade de gênero, etnicidade e assim por diante. (Laó-Montes, 2016; Reyes Henández, 2019; Rousseau e Hudon, 2017).

As ativistas da Articulação Feminista Marcosur e a Marcha Mundial de Mulheres, entre outros feminismos rurais, negros, populares, sindicais e mais, foram fortes presenças no Foro Social Mundial, percussor e incubador da atual “onda” de protestos, por exemplo. A MMM brasileira foi literalmente instrumental na valorização, dentro do FSM, de práticas de gênero lúdicas e transgressoras. Com seus enormes bonecos representando a mulher trabalhadora e sua efusiva batucada feminista, a MMM acabou assumindo as rédeas das manifestações “carnavalizadas” que costumam abrir os eventos do FSM desde 2001.

No Brasil atual, várias expressões feministas formam parte das duas grandes frentes populares de oposição ao Bolsonarismo: Povo Sem Medo e o Brasil Popular, que tem organizado protestos contra o governo durante todo o ano de 2021. No Chile os *pañuelos* verdes pelo direito ao aborto e as roupas lilás da cor histórica do feminismo enfeitaram os corpos rebeldes durante o *estallido social*. Todo o tipo de performance, seja grafite ou outras formas de ativismo feminista, se articularam nas manifestações que viraram parte do cotidiano em Santiago e muitas outras cidades chilenas. Em meio a eclosão social geral, se estima que pouco mais de dois milhões de pessoas se manifestaram no centro de Santiago para o 8 de março de 2020, a manifestação maior de todos os protestos realizados no Chile até essa data. As feministas continuam ativas e visíveis nos processos de protesto e mudança política ainda em curso no Chile, agora ativamente articuladas no acompanhamento ao processo Constituinte.

Na Colômbia, as pautas feministas se fizeram presentes em protestos contra as reformas políticas e econômicas propostas por Ivan Duque no final de 2019. Marcando o Dia Internacional da Eliminação da Violência contra a Mulher em 25N, milhares de ativistas se manifestaram em meio aos protestos de rua gerais e encenaram “*flash mobs*” e vários performances lúdicos sobre temas feministas. As ativistas feministas se reuniam em *juntazas*, convergências de setores feministas que poderiam ter se fragmentado por seus diversos posicionamentos. Feministas negras e decoloniais protestaram contra desigualdades de raça e gênero (Márquez-Montaño, 2019). Em Bogotá, um grupo de mulheres, pessoas LGBTQ e aliados desfilaram pelas ruas com um pênis gigante de papel maché, que finalmente incendiaram na Plaza de la Hoja entoando “*sin feministas no hay paro*” e pedindo o desmantelamento da ESMAD, a polícia de choque (Turowski, 2020). As assembleias feministas fazem parte integral da continuada efervescência das ruas colombianas.

Em Porto Rico, as feministas estiveram na liderança da insurreição anticolonial contra o governador Ricky Rosselló e contra a imposição do Conselho de Supervisão e Gestão Financeira de Porto Rico, que subordina do povo porto-riquenho ao capital financeiro global predador. A Colectiva Feminista en Construcción desde 2016 teve um papel destacado nas mobilizações massivas que conseguiram a renúncia do governador após apenas 10

dias de ocupação massiva das ruas em julho de 2019. A Coletiva contribuiu de maneiras importantes para a criação do terreno político que possibilitou os protestos. Inclui mulheres trans, lésbicas, negras e mestiças, trabalhadoras, estudantes, profissionais. Lideraram os *slogans*, *cacerolazos*, fechamento de ruas e praças, confrontos com a polícia, táticas de vanguarda nas manifestações. Declaram o feminismo negro decolonial como a fonte de inspiração das suas ações (Santiago Ortiz 2020).

No Equador em 2019, o cancelamento de subsídios para a gasolina abriu lugar para um grande e intenso levante popular que trouxe novos setores do movimento indígena e de mulheres como protagonistas. Entre 2018 e 2019, as organizações haitianas de mulheres travaram uma luta feroz contra o governo, defendendo a saída do presidente, participando de manifestações e escrevendo declarações para a imprensa e organizando atividades para denunciar os sinais assustadores da ditadura. No México, o chamado *#terremotofeminista* se manifestou de maneira radical contra a violência e o feminicídio desfigurando (com glitter!) o Monumento del Angel, considerado emblemático da cidade do México. No 8 de março de 2021, manifestantes feministas marcharam contra o Palácio Nacional, indignadas com o presidente por ter defendido um aliado acusado de estupro, e se lançaram contra a barricadas que foram erguidas para proteger a sede de governo contra ira das feministas (Abi-Habib e Lopez 2021).

No Sul dentro do Norte Global, feministas negras e migrantes também tem se organizado ao interior do Black Lives Matters ou BLM; as fundadoras do BLM inclusive são mulheres negras queer. E estamos na frente das lutas pelos direitos dos imigrantes e do movimento feminista anticarcerário nos EAU. Os feminismos Afro-descendentes têm sido co-constitutivos de movimentos de protesto como *Black Lives Matter*. O BLM, segundo a historiadora feminista negra Barbara Ransby, veterana dos movimentos negros dos anos 60, representa “a primeira vez na história dos movimentos sociais dos Estados Unidos que a teoria e política feminista negra definiu o marco político para uma luta geral de massas liderada por negros e negras não concentrada primária ou exclusivamente nas mulheres” (Ransby, 2018, loc. 232). Como a Ransby documenta, “Os e as organizadoras promulgaram uma práxis interseccional feminista negra nas campanhas, documentos e visão das principais organizações do Black Lives Matter Movement.” As ideias feministas negras, ela ressalta, “circularam amplamente entre novos ativistas e manifestantes, dando às mulheres (e homens) que não haviam sido previamente apresentados ao feminismo negro um ponto de entrada e uma visão mais ampla de mudança e transformação.” (Ransby 2018, loc. 221) Essa orientação feminista garantiu que mulheres negras e queer—que foram as fundadoras dos protestos de BLM de meados dos 2010: mantivessem papéis de liderança no movimento. E que as lutas específicas enfrentadas por esses grupos - como aumento da violência contra pessoas negras trans, as profissionais do sexo e as mulheres em geral recebessem devida atenção nas práticas e demandas do movimento.

Os fundamentos interseccionais do feminismo negro contribuíram para gerar uma base de apoio mais ampla ao BLM, que não nega pertencimento a ninguém. De fato, em todas as Américas, os feminismos negros, indígenas, decolônias, trans, rurais, anti-extrativistas, lésbicos/queer, estão indiscutivelmente na linha de frente dessas linhas de frente e por tanto temos presenciado um indiscutível processo de contaminação mútua.

Contaminação Mútua entre Feminismos e outros Protestos Contemporâneos

Uma terceira observação comparativa seria justamente, então, que a influência feminista interseccional está hoje em todas as partes desse novo normal de protesto. Quer dizer, o feminismo hoje está em todas as partes e por tanto faz parte integral dos levantes populares em muitos lugares do mundo. Os feminismos se expressam em um amplo leque de espaços políticos, culturais, econômicos e sociais que se estendem muito além das organizações e redes autodefinidas como feministas e de mulheres. Estão nos movimentos estudantis, as lutas anti-extrativistas, nos movimentos negros e indígenas, nas lutas territoriais urbanas e rurais, e mais. Não é de surpreender, então, que estejam presentes nos protestos populares atuais.

A forte presença feminista se explica também porque os feminismos representam hoje e **abrangem em si, trazem dentro de si mesmos**, a quase totalidade das lutas pela justiça social, racial, sexual, para todos os gêneros, todas as classes e raças subalternizadas, e de todos os povos. Como os feminismos estão inseridos em todas as lutas raciais, de classe, ecológicas, dos povos, dos gêneros dissidentes, eles também são impelidos pelas crises múltiplas que assolam à nossa região e ao mundo: crises sanitárias, socioambientais, climáticas, crises do capitalismo racializado e as suas manifestações extrativistas neocoloniais, crises dos direitos humanos e de desrespeito à natureza, aos não-humanos, profundas crises da institucionalidade democrática, tanto das democracias ditas liberais como das “iliberais,” que constituem a maioria das chamadas democracias latino-americanas, crises estas profundamente interligadas que se reforçam mutuamente. Sem sombra de dúvida, nos últimos tempos, e especialmente no contexto da pandemia, houve uma exacerbação dramática de todas elas: da violência racista, do racismo ambiental, da violência sexual e de gênero, das violências de Estado, dos genocídios contra os povos negros e indígenas, e o feminicídio e violências contra as mulheres.

As mais diversas lutas contra essas crises e violências, quero sugerir, se entrelaçam, se entrecruzam, no interior do próprio campo feminista, nas próprias práticas e discursos políticos e culturais dos feminismos latino-americanos. A Greve ou Paro Internacional 8M, que tem levado à repoliticização do 8 de março em toda a região latino-americana e no mundo, por exemplo, tem fundamentado novas alianças entre os feminismos em geral, as feministas no interior dos sindicatos, e as feministas que laboram nos mais diversos espaços de trabalho convencionalmente não reconhecidos enquanto tais. A greve feminista internacional, como sabemos, se baseia “no diagnóstico feminista, do que se entende por “trabalho”:

... que envolve trabalho migrante, trabalho remunerado e não remunerado, subsídios e salários sociais, trabalho contratado e precário, trabalho temporário e doméstico." (Gago, 2020, 160).

A consigna de #NiUnaMenos em 2019, por sua vez, que mobilizou centenas de milhares de mulheres, foi "#NiUnaMenos por violencias sexistas, económicas, racistas, clasistas a las identidades vulneradas; aborto legal ya, y abajo el ajuste del gobierno y el FMI", "Contra la asfixia económica y la violencia machista, volvemos a la calle. En el momento de mayor precarización de nuestras vidas, por quinta vez, volvemos a gritar Ni Una Menos. Porque todos los días vemos como la violencia económica hace implosión en las casas y en los barrios, sobre nuestros cuerpos (Santander, 2019), novamente demonstrando o profundo entrelaçamento e retroalimentação entre os feminismos e as lutas populares e antirracistas na região (Friedman e Tabbush 2016).

Em território brasileiro temos um exemplo paradigmático onde as mais diversas lutas se entrelaçaram dentro do campo feminista, nas próprias práticas e discursos políticos e culturais dos feminismos negros: o processo da Marcha das Mulheres Negras, que envolve um antes e um depois da Marcha também. Hoje, o movimento de mulheres negras no Brasil, ao se entrecruzar cada vez mais com outros feminismos e outros espaços culturais e da sociedade civil em diversos pontos e momentos, se constitui em um campo discursivo de ação, extenso, diverso e composto por várias vertentes – como me sugeriu a teórica militante feminista negra e ex-Ministra de Igualdade Racial, Luiza Bairros em uma entrevista me concedida em 2011. Entre essas vertentes, segundo ela, encontramos as domésticas, as quilombolas, as lésbicas, as mulheres de comunidades tradicionais de matriz africana, e as jovens/hip-hoppeiras/grafiteiras/b-girls/capoeiristas entre outras. E, no interior de cada uma dessas vertentes, há mulheres, e alguns homens e pessoas trans, que se proclamam feministas negras.

Vale observar que a "Marcha das Mulheres Negras 2015 contra o Racismo e a Violência e pelo Bem Viver" representou um processo envolvendo uma "metodologia inovadora [que] é o reconhecimento dessa diversidade". Os esforços de organização em nível nacional da Marcha assumiram a cultura da política como ponto central, incluindo afro-religiosidades, musicalidade, performance, eventos de interação comunitária, hip hop e uma ampla mistura de expressões para estimular mulheres "que nunca foram ao encontro do feminismo hegemônico" a se engajar para "construir a Marcha", independentemente de onde estivessem situadas. O processo levou em consideração a diversidade dos setores organizados e até então desorganizados das mulheres afro-brasileiras e pessoas aliadas (de quaisquer raças e gêneros) para se juntarem à proclamação das mulheres negras como sujeitos de suas próprias vidas, de uma cidadania transformada e consciente de raça e gênero (Alvarez, 2016; Alvarez e Costa, 2019).

Mesmo que raramente comentado na mídia ou por observadores acadêmicos, temos presenciado um amplo processo de retroalimentação entre os feminismos e outros protestos pela justiça social e racial, em duplo sentido: por um lado, as muito comentadas práticas horizontais dos movimentos de protesto dos 2010 muitas vezes se devem à influência, mesmo que indireta, dos feminismos. Sabemos, por exemplo, que as feministas se organizaram enquanto tais no interior dos Indignados e dos vários Occupys, inclusive em expressões progressistas das Jornadas de Junho de 2013 em algumas cidades brasileiras como Belo Horizonte. E em toda a região latino-americana, uma ampla gama de jovens feministas se identifica com o “faça você mesmo”, o horizontalismo e a radicalidade política dos anarco-autonomistas que foram uma presença muito destacada nos eventos de protesto do começo daquela década e nas mais recentes ondas de protesto na região. O Mayo Feminista Chileno, como já mencionei, surge organicamente do movimento estudantil, que a sua vez foi a principal força que revitalizou a sociedade civil chilena. As mulheres ativistas se organizaram em Secretarias de Gênero e Sexualidade nas universidades após as mobilizações estudantis de 2011. Esses espaços serviram para inspirar e ancorar os protestos feministas de 2018 que, à sua vez, alentaram os protestos do *estallido social* (Schild e Follegati, 2018; Gonzalez e Vidal, 2019).

Um olhar feminista nos revela que, mesmo nas configurações de protesto fluidas e mediatizadas de hoje, sempre existem lideranças de fato que se expressam, entre outras formas, através do que Paulo Gerbaudo chama a “coreografia de assembleia”. Ele sustenta que “o uso das mídias sociais é acompanhado pelo surgimento de novas formas de liderança ou ‘coreografía’ indireta, fazendo uso do caráter interativo e pessoal das mídias sociais” (2012, loc. 366-368). Com base em uma análise incisiva da Primavera Feminista no Rio de Janeiro, Priscila Brito também argumenta que “os protestos são ‘coreografados’ porque quem consegue fazer a mensagem ser difundida com mais amplitude é que assume o papel de definir como as pessoas vão se agrupar no espaço público” (2017, p. 63) A liderança das coreografias é de uma índole distintiva, porém, já que como sugere um estudo sobre os protestos de #NiUnaMenos da Argentina, “elas não têm controle sobre os desdobramentos que sua manifestação inicial vai ter”. Assim, a própria categoria de ‘organizadora’ precisa ser repensada (Annunziat, Arpini, Gold e Zeifer 2016, 49, apud Brito 2017, p. 64). A contaminação mútua entre o protesto feminista e outros protestos contemporâneos, então, aponta para o surgimento de novos tipos de liderança—mais fluidas e mais ‘networked,’ ou mais ‘en-redadas’.

Se por um lado, as práticas feministas influenciaram os protestos de modo geral, por outro, muitas disputas políticas no interior dos processos de protesto hoje se dão justamente em torno à violação de normas proclamadas de horizontalidade, inclusão e igualdade. Muitas ativistas feministas apontam para a persistência de desigualdades, do sexismo, do racismo, e da lesbo-trans-homofobia no interior dos processos de protesto. Em praticamente todos os protestos que eu tenho pesquisado e nos muitos em que tenho pessoalmente participado, por exemplo, frequentemente houve denúncias de discriminação em relação às posições de poder e visibilidade política, além de inúmeros relatos de racismo, homofobia,

assédio, abuso sexual, e até estupro em ocupações e acampamentos de protesto (ver, por exemplo, Eschle, 2018; e Trujillo Barbadillo, 2020). A persistência dessa discriminação e abusos hoje provoca críticas ferrenhas das feministas, ativistas antirracistas e LGBT no interior dos protestos, leva à toma de consciência feminista antirracista entre muitas e alguns participantes e encoraja práticas políticas cada vez mais interseccionais entre feministas já convictas.

Temos presenciado “a emergência de uma nova geração de ativismo portadora de nova linguagem contenciosa,” que articula feminismo e antirracismo e problematiza múltiplas formas de opressão social, como apontam Rios, Perez, e Ricoldi (2018, p. 36). Os protestos dos 2010 e 2020, então, alimentaram o atual momento de efervescência e ebulição feminista, **tanto** encorajando-o e inspirando-o **como** diretamente *provocando-o*.

O Novo Imaginário Global e o “Agora Estendido” do Protesto

Uma quarta meta-observação é que os protestos feministas também foram propalados por um imaginário global que difere do transnacionalismo que prevaleceu nos 1990 e os 2000. Por exemplo, a articulação dos protestos para a Greve Feminista Internacional nos 8 de março, hoje conhecido como o 8M, já não se dá necessariamente através de vínculos e intercâmbios organizativos em rede entre entidades feministas em diversos países. Além disso, elementos discursivos do imaginário feminista e antirracista viajam para além das fronteiras nacionais pelas redes sociais e, através de processos de tradução cultural e apropriação política, formam parte do referente discursivo de expressões feministas locais.

Por exemplo, no 8M de 2019 inúmeros chamados à ação em nome do “Feminismo dos 99%” proliferaram na Internet. Esses chamados para uma greve internacional das mulheres foram traduzidos e encenados de forma profundamente local. Tendo tido a oportunidade de acompanhar o processo organizativo para aquele 8M em Florianópolis, no Estado de Santa Catarina no sul do Brasil, percebi que, ao mesmo tempo em que havia consciência ampla entre as organizadoras (ou coreógrafas) que estavam engajadas em um processo de protesto feminista com dimensões globais houve pouquíssimo contato ou intercâmbio direto—online ou off-line—com feministas fora do estado e muito menos fora do país. Mas sim observei múltiplos processos de apropriação e tradução de imagens, textos e consignas que circulavam em relação ao 8M global e regional. As traduções políticas tomaram corpo em discussões acaloradas sobre como melhor adaptar o 8M à cidade e ao estado: por exemplo, debates infundáveis sobre se o dia seria chamado de “greve” ou só “paro” de mulheres, porque algumas sindicalistas envolvidas na organização insistiam que os seus sindicatos não compreendiam a ideia de uma greve reprodutiva, envolvendo também o trabalho invisibilizado das mulheres como o trabalho doméstico, os trabalhos de cuidado de crianças e idosos, e muito mais.

No Cone Sul, para oferecer outro exemplo, o imaginário feminista global tem viajado tanto online como off-line via símbolos potentes. No caso dos protestos pelo direito ao aborto, o símbolo do lenço verde, como argumenta a socióloga feminista argentina, Barbara Sutton, “ajudou a capturar atenção pública, energizar o ativismo, despertar emoções e sintetizar significados políticos. A história desses símbolos através das fronteiras revela a construção regional de quadros interpretativos e repertórios afetivos comuns.” O lenço verde, originalmente inspirado nos *pañuelos* brancos usados pelas Madres de la Plaza de Mayo, hoje é amplamente difundido entre feministas em toda a região latino-americana e também feministas solidárias de outras partes do mundo. O lenço é usado no pescoço, na cabeça, no pulso, como blusa ou outra vestimenta, amarrado na mochila, assim estendendo o protesto feminista para o campo do corporal e do cotidiano. Os lenços, “[o] brilho, a pintura corporal e a qualidade geralmente alegre das jovens participantes da maré verde é mais do que um estilo de protesto,” segundo Sutton. “Também transforma o estigma associado ao aborto,” ela insiste, “já que as manifestantes não apenas exibem o lenço verde com orgulho e sem medo, mas exuberantemente celebram seu direito à liberdade, sua resistência...” (Sutton, 2020, p. 8).

Não é mais necessário dizer que essas dissidências corporais hoje se espalham, se reproduzem, e se transformam pelas redes sociais. Mas, segundo a crítica cultural feminista Marcela Fuentes (2019), precisamos também apreciar o emaranhamento entre protestos de rua e suas reverberações online, que constituem o que ela chama “constelações performáticas”. Os eventos ou performances de protesto tem um “agora estendido,” espacial e temporalmente expandido, através da continuada circulação e encenação do evento de protesto pelas redes sociais. Assim, e este é uma quarta observação advinda de uma perspectiva feminista—o chamado ativismo digital se torna mais do que isso; é uma forma de estender o tempo e o espaço do protesto encarnado, corporificado, que gera afetos intensos. A mídia social, então, não é apenas o motor do protesto, visto que o ativismo online e off-line constituem uma espécie de transmídia, profundamente imbricadas.

Dois exemplos dos protestos feministas recentes podem nos servir para ilustrar essa dinâmica transmediática, performática, corporal e afetiva: os *pañuelazos* que tipicamente encerram os atos massivos a favor do direito ao aborto na Argentina e outros lugares, e a performance de “*flash mob*” originada em meio ao *estallido* social chileno e circulado pelo mundo inteiro, El Violador Eres Tu.

O primeiro exemplo, o *pañuelazo*, consiste em uma ação coordenada onde as manifestantes levantam seus lenços no ar ao mesmo tempo, gerando um clímax emocional coletivo e imagens poderosas para os e as espectadoras. Segundo a Nayla Vacarezza (2020), essa modalidade de protesto teve origem em um protesto das Madres de la Plaza de Mayo em 2017, contra um militar condenado por crimes contra a humanidade. As Madres pediram para os e as manifestantes usarem um lenço branco no pescoço e no final da marcha para levantá-los no ar em um gesto de protesto. A Campaña Nacional por el Derecho al Aborto Legal, Seguro y Gratuito—a coalizão de mais de 500 organizações que

articula as grandes manifestações—lançou mão de *pañuelazos* próprios. Vinculando os simbolicamente aos *pañuelos* brancos das Madres de la Plaza de Mayo, e assim colocando a luta pela legalização do aborto na genealogia das lutas pela democracia e pelos direitos humanos. Durante 2018 na Argentina, atos públicos em apoio à legalização, não importa quão grande ou pequenos, terminavam com milhares de *pañuelos* a vista (Gutiérrez, 2021).

Esta ação também serviu para mostrar apoio e solidariedade internacional, com centenas de *pañuelazos* organizados em todo o mundo. Por ser um símbolo vestível, o lenço verde mobilizou formas poderosas de identificação e expressão que ampliou o espaço de protesto para incluir o cotidiano. Os *pañuelazos* amplificaram o afeto, e intensificaram a corporalidade que faz parte constitutiva do instanciamento do público no Protesto. A intensidade da performance era reproduzida, estendida no tempo e no espaço, por imagens mediadas tanto nas redes como na mídia convencional (Vacarezza, 2020).

Um segundo exemplo para ilustrar essa dinâmica transmediática, performática, corporal e afetiva, é a performance de *flash mob* idealizada pela Coletiva Las Tesis, no Chile, El Violador eres Tu. Seguindo o *playbook* da Marcela Fuentes ao pé da letra, a performance viralizou-se e seu “agora” foi dramaticamente estendido temporal- e espacialmente em performances repetidas, ‘traduzidas,’ e adaptadas às realidades locais em diversos países. Como sugere a crítica cultural Paula Serafini, a performance foi apropriada por mulheres em todo o mundo porque “é uma ação performática poderosa e prefigurativa. . . uma denúncia aguda de violência, uma demonstração de ação política coletiva, e uma composição visualmente impressionante” (2020, 290). A performance foi adaptada, traduzida e encenada ao redor do mundo, agora formando parte integral do imaginário feminista global transmediático, performático, corporal e afetivo.

A Produtividade Político-Cultural do Protesto

Esse lado lúdico, corporificado, cheio de performances e *artivismos* de todo tipo imaginável é característico do Protesto de modo geral no novo milênio, chamando atenção para a sua produtividade cultural. Por exemplo, a proliferação de artes plásticas, artes cênicas, artes de rua, poesia falada, memes, etc. durante o *Estallido Social* chileno tem sido nada menos que deslumbrante, levando a vários coletivos a colecionar, sistematizar e curar a produção expressiva e voluminosa. E o Protesto também leva a uma proliferação de sentidos: vimos como a mobilização do maio feminista no Chile “transformou o senso comum em relação ao gênero”. “O feminismo não apenas literalmente controlou a agenda,” segundo uma observadora-participante, “se tornou um lugar para interrogatórios mais amplos: no transporte público, nas residências, no local de trabalho, ouvíamos perguntas, dúvidas, queixas relacionadas à questão da injustiça de gênero” (Schild e Follegati, 2018, p. 416)

Os protestos de BLM nos Estados Unidos também mudaram o sentido comum sobre raça e a sua interseção com gênero, identidade de gênero e sexualidade, estimulando novas

afirmações interseccionais da negritude, como os refletidos nas numerosas marchas pelas vidas negras trans e no slogan “*Unapologetically Black*” e “*Unapologetically Queer*”, Assumidamente Negro ou Queer.

Em relação à luta pelo direito ao aborto na Argentina, a Campanha chama atenção ao fato de que, mesmo tendo perdido o voto no Congresso por uma margem muito estreita em 2018, as mobilizações feministas conseguiram mudar o senso comum a sobre o aborto, conquistando a sua “descriminalização social” que contribuiu para que Alberto Fernandez enviasse um novo projeto de descriminalização ao Congresso aprovado no final de 2020, fazendo da Argentina o terceiro país latino-americano a legalizar o aborto.

Tudo isso nos mostra, por último e para concluir, que essa produtividade cultural está emaranhada com a produtividade política do protesto. Nos feminismos, alguns processos de protesto têm funcionado como assemblagens ou montagens que rearranjam as peças ou segmentos do campo feminista, impulsionando a criação de coletividades, articulações e aglomerações mais informais, fluídas, por vezes efêmeras, porém mais rizomáticas e recombinações. Igualmente, os processos de protesto popular das últimas décadas são generativos nesse sentido. Pois têm produzido novas formas organizativas, como cabildos e assembleias populares, e gerado realinhamentos nos campos opositores e movimentistas, e inspirando até novos arranjos institucionais—como é o caso da constituinte chilena.

Aventuro-me a propor que precisaríamos considerar se essas formas mais fluidas, recombinações, reboantes de protesto talvez pressagiem as formas que irão tomar, cada vez mais, o que até agora costumávamos chamar de movimentos sociais. Muitas expressões contemporâneas de feminismos em protesto recompilam, rearranjam e reorganizam as peças ou partes dos movimentos—ou do que venho chamando de campos discursivos de ação feministas—desestabilizando seus parâmetros de tal forma que são cada vez mais difíceis de delinearlos politicamente (Alvarez, 2014, 2019).

O conceito de assemblagem ou montagem, “aponta ... para dispersão e transformação” (MacFarlane, 2009, p. 566). A noção “ênfatisa a reunião, a coerência e a dispersão”, chamando a atenção para o trabalho de “montagem e remontagem de práticas sócio-materiais que são difusas, emaranhadas e contingentes”. Também redireciona nosso olhar analítico e político para “espacialidade e temporalidade: para os elementos que se juntam em uma conjuntura particular apenas para se dispersar ou realinhar posteriormente” (MacFarlane 2009, p. 562). Hoje talvez as formas de expressar demandas e afirmar direitos se parecem mais com assemblagens ativistas que combinam protesto fluido e às vezes explosivo com expressões coreografadas virtualmente e organizações sólidas, porém mais transitórias, menos ‘pesadas’ organizativamente.

Isso sem dúvida é o caso no mundo dos feminismos em protesto. Contudo, precisar os seus contornos seria matéria para outro ensaio. Para encerrar, então, este recorrido do protesto contemporâneo massivo sob uma ótica feminista sugere que para melhor entendermos os protestos precisamos reconhecer como estão permeados pelos feminismos e envolvem processos político-culturais que ativam corpos e afetos. Os protestos são produtivos do tem-

po e do espaço. Constituem constelações performáticas e imaginários globais que viajam para além das fronteiras e se transformam pelo caminho. Produzem arte e sentidos bem como modalidades inovadoras de fazer política e novas coreografias de liderança e poder.

Protesto é, então, muito mais do que um repertório, mais que uma resposta espontânea à crise ou à abertura de oportunidades políticas. O protesto encena poder, interrompe processos, renova a política e o político, e, nas palavras da teórica feminista Barbara Cruikshank, o protesto faz a história – e não só a história faz o protesto. Por tudo isso, acredito que o protesto em si, não subsumido no estudo dos movimentos sociais, certamente merece mais atenção analítica e elaboração teórica do que lhe tem sido concedida até hoje.

Agradecimentos

Este ensaio desenvolve ideias apresentadas em uma conferência proferida virtualmente durante o 44o Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Reunião Virtual, 1-11 de dezembro 2020. Agradeço a Marlise Mattos, Celi Pinto e a Miriam Grossi e a toda a coordenação da ANPOCS pela oportunidade de diálogo. Também incorporo alguns elementos de um trabalho apresentado durante a Conferência de Abertura do V Seminário Internacional, “Política e Feminismo: Desafios da Democracia e Cidadania Hoje,” em Belo Horizonte, Brasil, no 1 de março 2021, intitulado “Futuros Feministas.” Quero registrar meu especial agradecimento ao meu grupo de pesquisa-ação, a Colectiva Protesta, uma colaboração feminista interinstitucional, interdisciplinar e internacional focada no ativismo feminista na América Latina, que inclui pesquisadoras do Brasil, Chile, Colômbia, México e os Estados Unidos. É baseada na University of Massachusetts Amherst e a University of Toronto Mississauga. Muitas das ideias que apresento aqui vem sendo elaboradas em diálogo com elas há bastante tempo! Quero agradecer particularmente a minha colega e amiga brasileira Débora de Fina Gonzalez, integrante da Colectiva, hoje radicada na Universidade do Chile, que em muito tem me ajudado a entender os protestos feministas e o estallido social chilenos dos últimos tempos.

Referências

- Abi-Habib, M., e Lopez, O. (2021). “Violencia en la marcha de mujeres en Ciudad de México”. Recuperado de <https://www.nytimes.com/es/2021/03/08/espanol/marcha-8m-mexico.html>
- Agência Patricia Galvão”. (n.d.). Dossiê Violência contra as Mulheres: Violência e Racismo. Recuperado de <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/violencias/violencia-e-racismo/>
- Alvarado, M., Hernández, D. T. C., e Mejía, L. C. (septiembre 2019-febrero 2020). “Feminismos en Movimientos en América Latina y el Caribe. Intersecciones entre pensamiento y acción política”. MILLCAYAC - Revista Digital de Ciencias Sociales, 6(11), 11-24.
- Alvarez, S. E. (1999). “Advocating feminism: The Latin American Feminist NGO ‘Boom’”. *International Feminist Journal of Politics*, 1(2), 181-209. <http://dox.doi.org/10.1080/1461674993498804>

- _____. (2009). "Beyond NGOization? Reflections on Latin America". *Development*, 52(2). <https://doi.org/10.1057/dev.2009.23>
- _____. (2014). "Para Além da Sociedade Civil: Reflexões do Campo Feminista". *Cadernos Pagu*, 43. <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400430013>
- _____. (2016). "Vem Marchar com a Gente/Come March with Us". *Meridians: Feminism, Race Transnationalism*, 14(1). doi: 10.5354/2735-7473.2019.53881
- _____. (2019). *Feminismos en Movimiento, Feminismos en Protesta*. *Revista Punto Género*, 11, 73-102. doi: 10.5354/2735-7473.2019.53881
- Alvarez, S. E. y de Lima Costa, C. (2019). "Dos Estudos Culturais ao pensamento decolonial: Intervenções feministas nos debates sobre cultura, poder e política na América Latina". Em Christiane Ribeira Gonçalves e Marco Antonio Rocha (Eds.), *Feminismos Decoloniais e outros Escritos Feministas*. Fortaleza: Fábrica de Imagens.
- Amarillo, C. R. (2020). "Feminism on Lockdown". *NACLA Report on the Americas*, 52(3), 274-281. doi:10.1080/10714839.2020.1809084
- Berry, M., y Chenoweth, E. (2018). *Who Made the Women's March?* In David. S. Meyer e Sidney Tarrow (Eds.), *The Resistance*. New York: Oxford.
- Brannen, S. J., Haig, C. S., y Schmidt, K. (2020). *The Age of Mass Protests: Understanding an Escalating Global Trend*. Washington, D.C.: Center for Strategic and International Studies.
- Brito, P. C. d. S. (2017). "'Primavera de Mulheres': Internet e Dinâmicas de Protesto nas Manifestações Feministas no Rio de Janeiro em 2015". M.A., *Sociologia*, Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Buchanan, L., Bul, Q., y Patel, J. K. (2020, June 6). *Black Lives Matter May Be the Largest Movement in U.S. History*. *New York Times*. Recuperado de <https://www.nytimes.com/interactive/2020/07/03/us/george-floyd-protests-crowd-size.html>
- Buearque de Hollanda, H. (2018). *Explosão Feminista*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Campillai, F. d. O. F. F. (2020). *Declaración del Foro de Organizaciones Feministas Fabiola Campillai*. Recuperado de <https://soscorpo.org/?p=10493>.
- Cerna, D. (2020). "La protesta feminista en México. La misoginia en el discurso institucional y en las redes sociodigitales". *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales LXV(240)*, 177-205.
- Cruikshank, B. (2014). "The Time of Protest". Ensaio no publicado.
- Eschle, C. (2018). "Troubling Stories of the End of Occupy: Feminist Narratives of Betrayal at Occupy Glasgow". *Social Movement Studies*, 17(5), 514-540.
- Federici, S. (2020). "El feminismo es la punta de diamante de una insurgencia internacional": Silvia Federici. Recuperado de <https://desinformemonos.org/el-feminismo-es-la-punta-de-diamante-de-una-insurgencia-internacional-silvia-federici/>
- Ferreira, C. (2015). *Marcha das Margaridas*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora.
- Friedman, E. J., e Tabush, C. (2016). *#NiUnaMenos: Not One Less, Not One More Death!* *NACLA Report on the Americas*. Recuperado de <https://nacla.org/print/11235>
- Fuentes, M. A. (2019). *Performance Constellations: Networks of Protest and Activism in Latin America*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- Gago, V. (2020). *Feminist International: How to Change Everything*. New York: Verso.
- Gerbaudo, P. (2012). *Tweets and Streets: Social Media and Contemporary Activism*. London: Pluto Press.
- Gonzalez, D. d. F., y Vidal, F. F. (2019). "Nuevos 'Campos de Acción Política' Feminista: Una Mirada a las recientes movilizaciones en Chile". *Revista Punto Género*, 11, 51-72. doi:10.5354/0719-0417.2019.53880
- Gutiérrez, M. A. (2021). *Rights and Social Struggle: The Experience of the National Campaign for the Right to Legal, Safe, and Free Abortion in Argentina*. Em Barbara Sutton e Nayla L. Vacarezza (Eds.), *Abortion and Democracy: Contentious Body Politics in Argentina, Chile, and Uruguay*. New York: Routledge.
- Hiner, H., e Dietz, A. L. (2021). "¡Nunca más solas! Acoso sexual, tsunami feminista, y nuevas coaliciones dentro y fuera de las universidades chilenas". *Polis Revista Latinoamericana*, 20(59), 122-146. doi:doi: <http://dx.doi.org/10.32735/S0718-6568/2021-N59-1590>

- Laó-Montes, A. (2016). "Afro-Latin American Feminisms at the Cutting Edge of Rising Political-Epistemic Currents". *Meridians: Feminism, Race Transnationalism*, 14(2). <https://doi.org/10.2979/meridians.14.2.02>
- Larrondo, M., e Ponce, C. (2019). "Activismos feministas jóvenes en América Latina. Dimensiones y perspectivas conceptuales". Em M. Larrondo e C. Ponce (Eds.), *Activismos feministas jóvenes. Emergencias, actrices y luchas en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO.
- MacFarlane, C. (2009). "Translocal Assemblages: Space, Power and Social Movements". *Geoforum*, 40(4), 561-567. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2009.05.003>
- Marcosur, A. F. (2020). Declaración del Foro de Organizaciones Feministas: Insistimos, Resistimos y Avanzamos. Recuperado de <https://www.mujeresdel-sur-afm.org/declaracion-del-foro-de-organizaciones-internacionales-feministas-insistimos-resistimos-y-avanzamos/>
- Márquez-Montaño, E. (2020). "Parar para Avanzar: Feminist Activism in 2019 Latin American Mobilizations". In Julie Shayne (Ed.), *Persistence is Resistance: Celebrating 50 Years of Gender, Women e Sexuality Studies*. Seattle: University of Washington.
- McAdam, D., Tarrow, S., y Tilly, C. (2001). *Dynamics of Contention*. Cambridge University Press.
- Orozco Mendoza, E. (2017). "Femicide and the Funeralization of the City: On Thing Agency and Protest Politics in Ciudad Juárez". *Theory and Event*, 20(2), 351-380.
- . (2019). "Mapping the Trail of Violence: The Memorialization of Public Space as a Counter Geography of Violence in Ciudad Juárez". *Journal of Latin American Geography*, 18(3), 132-157. doi:10.1353/lag.2019.0053
- Palmeiro, C. (2018). "The Latin American Green Tide: Desire and Feminist Transversality". *Journal of Latin American Cultural Studies* 27(4), 561-564. doi: 10.1080/13569325.2018.1561429
- Ransby, B. (2018). *Making All Black Lives Matter: Reimagining Freedom in the Twenty-first Century*. Oakland, CA: University of California Press.
- Reger, J. (2019). *Nevertheless, They Persisted: Feminisms and Continued Resistance in the U.S. Women's Movement*. New York: Routledge.
- Reyes, C. E. H. (2019). "Black Women's Struggles against Extractivism, Land Dispossession, and Marginalization in Colombia. *Latin American Perspectives*", 46(2), 217-234. <https://doi.org/10.1177/0094582X19828758>
- Rios, F., Perez, O., y Riboldi, A. (2018). *A Quarta Onda do Feminismo? Reflexões sobre Movimentos Feministas Contemporâneos*. ANPOCS, Caxambú, MG.
- Rousseau, S y Hudon, A. M. (2017). *Indigenous Women's Movements in Latin America*. New York: Palgrave Macmillan.
- Sabatini, C y Galindo, J. (2017). "Why Is Latin America the Most Dangerous Region in the World for Women?" *World Politics Review*. Recuperado de <https://www.worldpoliticsreview.com/insights/22790/why-are-femicide-rates-so-high-in-latin-america>
- Santander, A. (2019). "#NiUnaMenos: marcharon en todo el país contra la violencia machista." Recuperado de <https://www.infobae.com/sociedad/2019/06/03/ni-una-menos-marchan-en-todo-el-pais-contra-la-violencia-machista/>
- Santiago Ortiz, A. (2020). "La Colectiva Feminista en Construcción are leading the Puerto Rican resistance". *Open Democracy*. Recuperado de <https://www.opendemocracy.net/en/oureconomy/la-colectiva-feminista-en-construccion-are-leading-the-puerto-rican-resistance/>
- Schild, V y Follegati, L. (2018). "Chilean Students Confront Machismo on Campus (Interview)". *NACLA Report on the Americas*, 50(4), 411-416. <https://doi.org/10.1080/10714839.2018.1551464>
- Serafini, P. (2020). "'A Rapist in Your Path': Transnational Feminist Protest and Why (and How) Performance Matters". *European Journal of Cultural Studies*, 23(2), 290-295. <https://doi.org/10.1177/1367549420912748>
- Souza, N. M. F. d. S. (2019). "When The Body Speaks (to) the Political: Feminist Activism in Latin America and the Quest for Alternative Futures". *Contexto Internacional*, 41(1), 89-110.
- Sutton, B. (2020). *Intergenerational Encounters in the Struggle for Abortion Rights in Argentina*. *Women's Studies International Forum*, 82.

- Trujillo Barbadillo, G. (2020). "Neither New no Utopian (and Yet Worthwhile): Queer and Feminist Genealogies, Conflicts, and Contributions inside Spain's 15-M Movement". In Cristina F. Fominaya e R. A. Feenstra (Eds.), *Routledge Handbook of Contemporary Social Movements: Protest in Turbulent Times* (pp. 210-220). London: Routledge.
- Turowski, L. (2020). "Cuchara de Palo Frente a Tus Balazos: Contextualizing the Contributions of the 21N Cacerolazo Uprisings of Colombia, 2019". Trabajo no publicado.
- Vacarezza, N. L. (2021). "Orange Handa and Green Kerchiefs: Affect and Democratic Politics in Two Transnational Symbols for Abortion Rights". Em Barbara Sutton e Nayla. L. Vacarezza (Eds.), *Abortion and Democracy: Contentious Body Politics in Argentina, Chile, and Uruguay*. New York: Routledge.
- Varela, N. (2020). "El tsunami feminista". *Nueva Sociedad*, 286.



Este es un artículo de acceso abierto bajo licencia Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional